

INTERPRETANDO A BÍBLIA HOJE

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para a Convenção Batista Fluminense, março de 2005

INTRODUÇÃO

Há uma terrível mistura doutrinária no cenário evangélico contemporâneo. Isto é tão óbvio que dizê-lo soa banal. Mas tenho que começar por aqui. A multiplicidade de igrejas neopentecostais autônomas, isto é, desvinculadas de qualquer denominação, sem quaisquer outras como parâmetro, e cultivando uma postura monárquica e arrogante (“Deus nos levantou como único porta-voz da sua Palavra”) liquidou a possibilidade de uma interpretação bíblica no cenário evangélico que se possa chamar de uniforme. Tempos atrás recebi um e-mail zangado de uma pessoa que discordava de uma interpretação que fiz no Antigo Testamento. Discordar de mim é um direito e é até normal. Mas o que me intrigou foi o título que a pessoa se atribuiu: “rabino judaico-cristão”. Em resposta a ele apenas perguntei o que era um “rabino judaico-cristão” e quem era Jesus para ele. Não me veio resposta.

Usa-se muito a Bíblia, mas isso não é garantia alguma de que o usuário está certo. Isto traz certa confusão, pois estão acontecendo muitos equívocos na interpretação bíblica que desnorteiam nossas igrejas, tanto na doutrina como na prática. Neste trabalho quero abordar alguns aspectos que nos ajudarão a entender um pouco mais esta questão.

1. O MAU USO DA BÍBLIA

No artigo “Reflexões sobre o púlpito brasileiro”¹ mencionei um pregador que pregou contra o parto cesariana sem dor, com base em Gênesis 3.16 (“com dor darás à luz filhos”). Uma senhora da sua igreja contra-argumentou, lembrando que ele tinha ar condicionado no gabinete e a Bíblia diz “com o suor do teu rosto comerás o teu pão”. Outro pregou contra a prática de esportes, baseando-se em 1Timóteo 4.8: “o exercício corporal para pouco aproveita”. Um outro pregou em 2Samuel 11.2 (“E do terraço viu uma mulher que estava se lavando”). Falou contra a televisão. Nela, vemos o que não devemos ver. Veio um outro e pregou sobre “e todo olho o verá” (Ap 1.7) e mostrou o valor da televisão via satélite. E aí, compro televisão ou não? Essas questiúnculas ridicularizam a Bíblia. Seu uso deve ser coerente e obedecer a certos parâmetros. A Bíblia deve ser respeitada e nunca usada para autorizar esquisitices.

As questões do parágrafo acima podem até ser vistas com certa dose de humor, mas o que dizer de pregadores que usam a Bíblia para enviar recados aos discordantes, que se valem do sermão para fortalecer sua posição (“sou o ungido do Senhor, quem estende a mão contra mim morre”) e para a obtenção de vantagens pessoais? E o que dizer de exegeses muito mais discutíveis, algumas até mesmo falsas? Hagin, em seu livro *O Extraordinário Crescimento da Fé*, tenta provar uma tese bem discutível, de que fé é fazer as coisas acontecerem. Usa o texto de Hebreus 11.1 (“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem” – esta é a versão empregada em seu livro). Não tendo como provar seu argumento, que segue na linha das seitas metafísicas de Boston, de que a palavra humana faz as coisas acontecerem, emite a seguinte observação: “Ainda outra tradução diz: ‘A fé é certidão da garantia, a coisa em que esperamos até ao fim acaba sendo nossa’”². Esta declaração confirma a posição de Hagin, mas não é bem isto que o texto grego quer dizer, aliás bem visível nas traduções. Mas a palavra de Hagin me suscitou

¹ COELHO FILHO: “Reflexões sobre o púlpito brasileiro”, in HORREL, Scott (coord.). *Vox Scripturae*, vol. IV, número 1, março de 1994, p. 4.

² HAGIN, Kenneth. *O Extraordinário Crescimento da Fé*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s/d, p. 17

uma questão. Anotei ao lado, no livro: “Que tradução é esta?”. Se ela realmente existe, por que não a identifica?

Em outras ocasiões, vemos com abundância o uso de versículos fora do contexto, de passagens sem conexão com o todo da Bíblia, no que chamamos de “leitura fragmentária”, e a ignorância do contexto cultural. Pode-se usar a Bíblia e ainda assim estar errado. Citar a Bíblia não é garantia de se estar certo. Quando questionei um mórmon sobre poligamia, ele respondeu bíblicamente, com os exemplos de Abraão, Isaque, Jacó, Davi e outros. Certa vez, em Brasília, uma senhora me interpelou, em um estudo bíblico, discordando de posição que eu expunha. Quando fiz a exegese do versículo (e fiz de maneira correta), ela respondeu que não aceitava o que eu estava fazendo. Eu estava torcendo a Bíblia. Ela não queria saber de grego e hebraico nem de voltinhas hermenêuticas para justificar posição. Ela era literalista. O que estava escrito devia ser lido como estava e obedecido como estava. Então eu lhe disse que se sentasse, ficasse calada, nada dissesse, e deixasse para perguntar em casa (não na igreja) e ao marido (não a mim). Porque está escrito na Bíblia: “Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a Lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja” (1Co 14.34-35). A interpretação bíblica sem análise do contexto cultural e exegético, como ela queria, me autorizava a agir assim. Cuidado, portanto, com versículos sem conexão com o todo e sem o uso de regras hermenêuticas, para provar posições.

2. O ABANDONO DA BÍBLIA COMO NORMATIVA

O mais gritante mau uso da Bíblia está na forma de exposição que lhe tira o caráter de normativa e a deixa como indicativa, apenas. Esta utilização da Bíblia vem se tornando cada vez mais comum no cenário evangélico, principalmente entre os neopentecostais. E vem sendo assumida por igrejas batistas. Por ignorância de regras de hermenêutica e pela vontade de terem autoridade em suas posições, não querendo correção, mas apoio, muitos pastores adotam tal postura. Isto é sério. É um péssimo uso da Bíblia. As pessoas não querem se subordinar a ela, mas querem que ela se subordine às suas idéias. Ora, na perspectiva fragmentária podemos usar a Bíblia para suporte do que quisermos... E na forma indicativa, ela deixa de ser Palavra de Deus e se torna um depósito de cenas, histórias e eventos que podemos alegorizar como quisermos, para as campanhas que idealizarmos. Com isto, a historicidade do evento perde seu impacto. O valor não é mais o que Bíblia diz, mas é como a Bíblia autoriza minha visão de vida. Isto é um perigo pois o caráter de Escritura Sagrada se esvai e a Bíblia se torna apenas um depósito de histórias, com lições alegorizadas, podendo ou não ser real.

Quando dizemos que ela é normativa, estamos apenas explicitando o que diz a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira: “A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens”³. Isto é ser normativa. Ela é a nossa norma de fé e prática. Ela é o padrão aferidor e seu caráter é autoritativo. Ele deve reger e analisar nossas posições, devendo ser entendida globalmente. Ela é um todo e assim deve ser entendida. Uma parte só pode ser entendida à luz do todo, e é o todo que interpreta a parte, e não o contrário.

As denominações neopentecostais afirmam-na como regra de fé e prática, mas usam-na como indicativa. Ela apenas indica, em algumas passagens, algumas práticas do grupo. Ela não é autoritativa. A autoridade final, em termos de decisão, é a palavra do líder ou do dono do grupo. Geralmente sua autoridade é legitimada por ser “apóstolo”, “primaz” e coisa parecida. Em termos de doutrina e prática, a autoridade são sonhos e revelações. Mas a autoridade do dono da seita é tão

³ Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, item I – “Escrituras Sagradas”

grande que Jorge Tadeu, da Igreja Maná, “se autodenomina Apóstolo e escreve cartas semanais aos seus pastores com o título de ‘St.’ (São) Jorge Tadeu. Um dos pastores dissidentes garante: ‘Hoje, a palavra de Jorge Tadeu na igreja Maná é equiparada à Palavra de Deus’⁴. Ainda Paulo Romeiro nos cita uma declaração, registrada na revista *Visão*, de Portugal (10 a 16 de fevereiro de 1994), nestes termos: “Temos de deixar a nossa religiosidade no chão para sermos mais utilizados por Deus. Recebi isto por revelação divina: Deus me disse que hoje o Senhor permite que um homem tenha várias mulheres, desde que com isso sirva mais a Deus”⁵. Jorge Tadeu alega pregar a Bíblia, que é contra a poligamia, mas a autoridade não é dela. É dele.

Na perspectiva indicativa, a Bíblia serve apenas de suporte e apoio para práticas que o grupo venha a assumir, na orientação de sua liderança. Ela não rege as idéias, mas apenas dá suporte às idéias. Esta questão deve nos alertar. Que uso fazemos da Bíblia? Ela é autoritativa para nós, que assim crendo procuramos entendê-la globalmente, ou é indicativa, sendo usada em frases e versículos soltos, legitimando posições? Usamo-la para analisar nossas práticas ou pegamos trechos seus para validar o que queremos?

3. O CRITÉRIO HERMENÊUTICO PARA USO DA BÍBLIA

Nesta apostila segue um anexo intitulado “Uma nova reforma” para o qual peço sua atenção. Por favor, leia-o com atenção. Nele menciono algumas formas de desvio na interpretação das Escrituras. Assim, posso me centrar no critério correto. Temos um princípio hermenêutico chamado “revelação progressiva”. Isto significa que Deus se revelou progressivamente aos homens. Não significa sair do erro para a verdade, mas do obscuro para o claro. Se a revelação é progressiva, isto é, caminha para frente, deve haver um ponto final. E há. É o clímax. Lemos em Hebreus 1.1-2: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo”. A palavra final de Deus foi dada por Jesus Cristo. Ele é o ponto final, a chave hermenêutica para se entender toda a Bíblia.

Isto nos faz entender claramente que o Novo Testamento, o ensino sobre Jesus, é a palavra final. O Novo interpreta o Antigo. Lemos em Lucas 16.16: “A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas novas do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua entrada nele”. O tempo antigo passou. Quando Pedro, na transfiguração, equiparou Moisés e Elias a Jesus, colocando-os como dignos de atenção, Deus interveio. Retirou Moisés e Elias de cena, e declarou: “Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!” (Mt 17.5). A Igreja não ouve a Moisés e a Elias, e sim a Jesus. Quando pregamos no Antigo Testamento devemos ter isto em mente: que aspecto de Jesus este texto mostrará? Pois a pregação da Igreja deve ter Jesus como tônica. Neste sentido, a interpretação bíblica que faça Jesus desaparecer ou ficar em segundo plano é equivocada.

O uso correto da Bíblia é este: o Novo Testamento é a revelação final de Deus, sendo Jesus “o cânon dentro do cânon”, como Lutero gostava de dizer. Isto é aceito pela nossa Declaração Doutrinária: “Ela (a Bíblia) deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus”⁶.

“Isto é óbvio!”, dirá alguém. Mas nos chama a atenção para dois pontos. *O primeiro* é que devemos estar atentos à tentativa de rejudaizar a teologia cristã, como temos visto. Evito-me de mais tempo aqui, pedindo que leiam o anexo aludido anteriormente, “Uma nova reforma”, principalmente o tópico “A rejudaização, um produto tanto teológico quanto comercial”. *O segundo*

⁴ ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise*. S. Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 59.

⁵ *Ib. ibidem*, p. 48.

⁶ Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, item I – “Escrituras Sagradas”

é que se Cristo é o cânon dentro do cânon e a palavra final de Jesus, temos que ser muito reticentes quanto às revelações que surgem amiúde no cenário evangélico. Já citei o episódio de Jorge Tadeu, mas outros, tão ruins quanto aquele. Segundo o movimento neopentecostal, vivemos na “era do Espírito”. Um exemplo bem claro disto vemos na logomarca da Universal do Reino de Deus. Não é mais uma cruz, tipificando o ministério de Jesus. Nem uma Bíblia, tipificando a revelação total de Deus. É uma pomba, tipificando o Espírito. Neste sentido, a revelação, obra do Espírito, continua. A Bíblia é um depósito de experiências religiosas que pode ser interpretada como se deseja, principalmente pelas novas revelações, que a ultrapassam.

É preciso considerar que há um equívoco entre dois conceitos: livre exame das Escrituras e livre interpretação das Escrituras. O livre exame das Escrituras é um direito pela qual a Reforma se bateu e que nós sustentamos. Todos têm o direito de examinar as Escrituras, de estudá-la. Mas ninguém pode alegar-se o direito de interpretá-la como quiser. Ao examinarmos a Bíblia, descobrimos que Jesus vai voltar. Isto é livre exame. Todos podem ler a Bíblia, e ler nela sobre a segunda vinda de Jesus. Na obra citada de Paulo Romeiro, ele transcreve um sermão de Valnice Coelho, em que ela marca a volta de Jesus para 2007. Ela tomou a palavra de Jesus “não passará esta geração sem que estas coisas aconteçam”, aplicou esta frase à geração que viu Israel retomar Jerusalém (1967), afirmou que uma geração dura 40 anos, e somou 1967 mais 40 e chegou a 2007. E disse, textualmente: “Deus me trouxe isso no espírito agora em Israel quando eu estava às margens do Jordão”⁷. Agora, ela saiu do livre exame para a livre interpretação. Qual a base para se dizer que o versículo citado se aplica à geração que viu Jerusalém voltar às mãos dos judeus? Qual a base para se dizer que uma geração dura 40 anos? E o que fazer desta declaração de Jesus: “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai?” (Mc 13.32). Nem Jesus sabe, mas uma pessoa, interpretando a Bíblia como quer, ultrapassa Jesus. Pelo menos já sabe o ano. A livre interpretação é uma postura arrogante. Nunca, jamais, em tempo algum, alguém viu na Bíblia o que aquela pessoa vê, agora. Ela se coloca como fonte autorizada e continuada da revelação divina. Despreza toda a herança teológica de 2.000 anos de cristianismo. Ela ultrapassa a própria Bíblia.

Uma questão mais: o movimento neopentecostal tem confundido a *psiquê*, a interioridade humana, com o *ruah*, o Espírito do Senhor. Assim, o que a pessoa sente passa a ser verdade. Como se ouve a frase: “Eu senti em meu coração!”. Isto não quer dizer nada. Quando eu tinha 18 anos senti no meu coração que deveria me casar com a cantora Wanderléia. Ela nem sabe que eu existo. E casei melhor do que se tivesse casado com ela. Os próprios crentes tradicionais têm confundido seu íntimo com a voz de Deus. Devemos nos lembrar de Jeremias 17.9: “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?”.

Essa atitude é perigosa. Ela internaliza a verdade, coloca a verdade dentro de nós, ao invés de colocá-la como externa a nós. Neopentecostais se valem deste recurso, e assim confundem sua voz interna com a voz do Espírito. Não estou divagando. Estou chamando a atenção para um perigo: tirar a fonte de autoridade das Escrituras e colocar na pessoa (peço, mais uma vez, que leiam a matéria “Uma nova reforma”).

4. UMA VOLTA À BÍBLIA

Uso um trecho, um pouco longo, de um trabalho que apresentei, sob o título “Sou batista! Tenho uma identidade!”⁸. É um tópico sobre a nova hermenêutica. Dispensio as aspas porque sou o autor das idéias a seguir:

⁷ ROMEIRO, op. cit, p. 183.

⁸ Trabalho apresentado em Congresso Doutrinário na PIB de S. Vicente, SP.

A nova hermenêutica é o aspecto mais preocupante no uso das Escrituras. Com a Igreja Católica, a fonte de autoridade era a Igreja, subsidiada pela Tradição e pelo Magistério. Lutero tirou a fonte de autoridade da Igreja e a colocou na Bíblia. O movimento pentecostal a tirou da Bíblia e colocou na experiência. O movimento neopentecostal está construindo outro eixo hermenêutico: a de gurus, de pessoas com mais experiência com Deus. É o início de um retorno ao eixo católico. Isto vai trazer conseqüências danosas para o evangelho, mais à frente, embora já esteja trazendo agora. É que nesta postura, a Bíblia fica subordinada às declarações humanas. Em vez de reger a teologia da igreja, ela passa a ser explicada pela teologia da igreja. Esta nova hermenêutica é muito perigosa porque além de mudança de eixo mudou também o critério de interpretação. No protestantismo histórico e entre os evangélicos históricos, o critério de interpretação da Bíblia sempre foi a pessoa de Cristo, com base no conceito de na revelação progressiva, que depreendemos bem de Hebreus 1.1-2. É o Novo Testamento que interpreta o Antigo e este não pode se sobrepor ao Novo. Hoje o critério de interpretação é o Espírito Santo. Um pastor neopentecostal dizia pela televisão que “Jesus é o canal para nos trazer o Espírito Santo”. Antes era o Espírito Santo quem nos levava a Cristo. Agora Cristo nos traz o Espírito. Cristo é o meio para se chegar ao Espírito, que é o final. A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, não tem a cruz como seu símbolo, mas uma pomba, significando o Espírito Santo. É a chamada “onda do Espírito”, que é, na realidade, uma pretensão à nova revelação. É aqui que reside o perigo maior: o Espírito Santo é um eufemismo para as impressões pessoais do intérprete, que se tornam uma palavra inspirada. O que ele acha é revelação do Espírito. Assim, a Bíblia deixa de ser normativa e passa a ser indicativa. A normativa é a palavra do líder. O uso que as campanhas da Universal fazem das Escrituras, particularmente o uso do Antigo Testamento, mostra isso. A Bíblia apenas legitima as práticas do grupo, em vez de regê-las. E o Espírito Santo se tornou propriedade dos iluminados da seita. O Espírito Santo fala quando alguém, líder, “sentiu” uma nova verdade. Na nova hermenêutica, o sentir vale mais que o que é, o que está escrito. Jesus é uma pessoa histórica, objetiva, e seu ensino está na Bíblia. O Espírito Santo não é uma pessoa histórica, embora seja uma pessoa, e seu ensino passa a ser o que as pessoas sentem. Isto cria um clero, pessoas especiais, com revelações do Espírito. Há, então, um clero que determina o credo e a prática para o povo. Tanto que muitos desses grupos não ligam a mínima para educação religiosa, EBD, etc. Basta-lhes um salão para realizar seus cultos, carregados de emoção e muitos deles manipuladores das pessoas.

Esta nova hermenêutica tem privilegiado o domínio de revelações, visões e sonhos sobre a Bíblia. Uma pastora neopentecostal dizia, pela televisão, ter um mapeamento das potestades demoníacas. Quem era o demônio regente de cada território, os chamados demônios territoriais. Quando perguntada sobre onde conseguiu isto, disse com toda simplicidade que foi de demônios postos sob juramento. Não sei um demônio mesmo jurando estará dizendo a verdade. Mas me impressiona que uma pessoa diga com todas as letras que está ensinando uma revelação de demônios e as pessoas que a ouvem ainda exultem com isso.

Nossa identidade batista parte daqui: zelo pelas Escrituras. Nada de mais nada de menos. Quando ela fala, nós falamos. Quando ela cala, nós calamos. Todo material que produzimos, toda e qualquer postura eclesiológica, devem ser avaliados por ela. Não é se deu certo em algum lugar ou se está enchendo alguma igreja em algum lugar, ou se foi proferida por algum teólogo ou pastor muito consagrado e zeloso pela doutrina, mas se não colide com a Bíblia. Aliás, todas as heresias nasceram de pessoas muito espirituais e zelosas. Não de mundanos. É o que Paulo disse dos judeus: “têm zelo por Deus, mas não com entendimento”. O entendimento das Escrituras é fundamental para uma denominação sadia.

Até a última linha, o trecho da palestra. Agora, a questão, como ter uma hermenêutica sadia, uma volta à Bíblia. Atrevo-me a alistar algumas sugestões;

1. Reconhecendo-a como normativa, autoritativa, palavra última, definitiva e cabal de Deus. Não há o que lhe acrescentar.
2. Trazendo os ensinamentos humanos ao seu crivo, subordinando-os a ela. Todo profeta, todo pregador, deve ser avaliado à luz das Escrituras. Se ele falar e não se cumprir, ele é falso (Dt 18.22). Se ele falar, cumprir-se o que ele falar e ele desviar o povo da Palavra, deve ser morto (Dt 13.1-5). O padrão é sempre a Palavra falada de Deus.
3. O bom senso recomenda que se fuja das interpretações que jamais alguém viu, do ineditismo. Quem se coloca sob holofotes deve ser rejeitado imediatamente.
4. Os batistas não surgiram ontem e têm uma herança teológica coerente, uma teologia fechada (no sentido de ser completa, de abarcar todas as áreas da vida). Cuidado com visões fragmentárias, em que toda a Bíblia é analisada à luz de uma parte.
5. Cuidado com o experiencialismo, aquela atitude em que as experiências humanas são válidas e julgam a Bíblia. É a Bíblia que deve julgar nossas experiências, e não o oposto. A ordem é FATO > FÉ > EMOÇÃO. Existe um FATO: Deus e sua Palavra. Eu tenho FÉ neste fato. Como consequência de minha FÉ neste FATO experimento a EMOÇÃO de ser salvo, de ter direção na minha vida, etc. Quando a ordem é invertida, em vez da Bíblia reger minha vida, minha vida rege a Bíblia. Isto é uma variação da neo-ortodoxia: a Bíblia se torna a Palavra de Deus pela minha experiência.
6. Como consequência, o ensino bíblico criterioso, a hermenêutica correta e a exegese bem feita devem ser objetos de estudo do pastor, para alimentar sadiamente sua igreja.

CONCLUSÃO

Terminar é mais difícil que começar. Mas espero terminar de maneira pelo menos satisfatória. Tenho visto que o ensino da Bíblia tem sido feito de maneira espetacular e pouco sóbria. Não quero ser juiz, mas por vezes, assistindo programas evangélicos na televisão, surpreendo em ver a Bíblia sendo esgrimida, mas pouco dela aparecendo, e muito do pregador sendo mostrado. Lembro-me de uma antiga oração dos crentes, pedindo pelo pregador: “Esconde o teu servo atrás da cruz de Cristo”. Bonita oração! Parece-me que hoje se ora assim, em alguns círculos: “Esconde a cruz de Cristo atrás do teu servo!”. Quem deve brilhar é a Bíblia. Se os trejeitos do pregador brilham mais, se ele chama a atenção para suas idéias, de modo que elas brilhem, e não a Palavra, algo está errado. Disse o Batista sobre Jesus: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). O bom uso da Bíblia é aquele em que o pregador diminui e ela cresce. O povo aprende da Bíblia. Quando aprende das idéias do pregador, algo está errado.

Isto não é hermenêutica, mas o princípio vale. A boa hermenêutica é aquela em Jesus brilha, a cruz resplandece, Deus é glorificado. Se a esquisitice triunfa e o culto à personalidade aparece, fuja do esquema. A síntese é esta: quando examinar a Bíblia, procure por Jesus em suas páginas. E veja o que sua vida deve absorver do estudo. Se a exegese, produto da hermenêutica, destoa do ensino da Igreja, do testemunho dos séculos, fique desconfiado. Até mesmo de si próprio. Nenhum outro fundamento pode ser posto: “Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3.11). É bom firmar as raízes no que conhecemos.

ANEXO

UMA NOVA REFORMA

Isaltino Gomes Coelho Filho

Uma nova reforma é o título de um livro de J. A. T. Robinson, edição da Moraes Editora, de Lisboa. Lançado em 1965 (inglês), o livro veio na esteira dos debates da teologia da morte de Deus. Bafejada pelo existencialismo, esta corrente propunha a secularização do cristianismo. A nova reforma de que falo não é esta, a dessacralização do evangelho. É uma volta às origens, principalmente hermenêuticas, da Reforma. Um dos nossos maiores problemas, hoje, está na área de hermenêutica: como interpretar a Bíblia, a fé e a denominação.

Segundo Mondin (*Antropologia teológica*, Paulinas, 1979), há dois princípios na formação de uma corrente teológica, o arquetônico e o hermenêutico. O arquetônico é o conteúdo da revelação. A teologia deriva da revelação bíblica. Se não fosse assim, não teríamos uma corrente teológica, mas filosófica. Mondin cita o sistema de pensamento de Hegel. Os mistérios do cristianismo estão presentes nele, mas como foram dessacralizados, despidos de seu conteúdo sobrenatural, é um sistema filosófico e não teológico.

O princípio hermenêutico é o instrumento pelo qual se interpreta a revelação. Geralmente é de conteúdo filosófico. É que a teologia é a interpretação da revelação pela razão. Os dois princípios são necessários e se entendem bem à luz da palavra de Bruner, segundo a qual, para se entender a Palavra de Deus é necessário um ponto de encontro entre ela e a mente humana. A Palavra é o princípio arquetônico. A mente humana é o princípio hermenêutico.

O catolicismo faz teologia usando como princípio hermenêutico a autoridade da Igreja. O pressuposto filosófico é que ela detém a Verdade. Para Agostinho, por exemplo, a Igreja Católica era o ponto culminante da história. Há suporte filosófico para a interpretação da Igreja Católica: ela tem a verdade e seu magistério a expressa. A Reforma tirou a base hermenêutica da Igreja e a pôs na Bíblia, interpretada pelo crente, regenerado pelo Espírito. Roma deixou de ter a palavra final em matéria de interpretação. Esta postura foi mudada pelo pentecostalismo e carismatismo, pulverizando a interpretação. Colocando a base não mais na Bíblia, mas no crente, estes intimizaram a hermenêutica, com sonhos e interpretações na base de "o Senhor revelou". Toda a estrutura de uma denominação, seu conteúdo teológico e seu passado doutrinário são irrelevantes. O crente é a palavra final. A diversidade de interpretações, mesmo as mais absurdas, partem daqui. "O Espírito me falou" ou "Deus me revelou" são expressões comuns para legitimar teorias as mais esdrúxulas. O critério de interpretação não é mais Cristo. É o "Espírito", entendendo-se assim a subjetividade do intérprete. É significativo que a Universal do Reino de Deus tenha substituído a cruz pela pomba. É o Espírito (subjetivo) e não mais Jesus (objetivo) o critério de interpretação. Não há como argumentar com quem tem uma relação especial com o Espírito que nós, "tradicionais e carnais", não temos. A leitura de Benny Him, Hagin e os sermões de Valnice mostram isso. Estas pessoas alegam ter uma autoridade que elas não podem provar, mas que nós não podemos contestar.

Hagin recebe visitas de Jesus. Outros têm revelações especiais de Deus. Nós "só" temos a Bíblia. A Palavra se subordinou à palavra. A subjetividade de sonhos, experiências e intuições se sobrepõe à exegese centenária e até milenar do evangelho. Assim, se "reinventa" o evangelho constantemente.

Há, em nosso cenário, três grandes vertentes em termos de teologia e de práxis: a recatolização, a rejudaização e a influência baixo-espírita. Cada uma delas mostra que as pessoas assumiram princípios hermenêuticos estranhos, nunca antes sustentados, recebidos por "revelação",

"iluminação" ou "capacitação especial". Assim desfiguram o evangelho, fazendo uma salada religiosa que nada têm a ver com o ensino bíblico.

1. A RECATOLIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO EVANGELHO

Vê-se a recatolização no entendimento cada vez mais acentuado, de que temos um clero e um laicato. Preocupa-me ver, cada vez mais, as igrejas terem ministros formados e assalariados para tudo. Acho correto termos ministros de música, de educação religiosa, de missões, etc., em nossas igrejas. Milito na educação ministerial, sou presidente da ABIBET e não poderia pensar doutra maneira. Mas me preocupa a possibilidade de estarmos dizendo ao nosso povo que só pessoas formadas em seminários e remuneradas podem fazer a obra de Deus. Pode-se criar uma mentalidade daninha: os ministros fazem o trabalho e os crentes pagam a conta. A incidência do uso do termo "leigo" para os não consagrados aos ministérios é reveladora. Todos nós somos ministros, pois todos somos servos. E todos somos leigos, porque todos somos povo (é este o sentido da palavra "leigo", alguém do povo). Não temos clero nem laicato. Somos todos ministros e somos todos povo. Mas cada vez mais as bases ministeriais são buscadas no Antigo Testamento e não no Novo. Usamos os termos do Novo com a conotação do Antigo. O pastor do NT passa a ter a conotação do sacerdote do AT. É o "ungido", detentor de uma relação especial com Deus que os outros não têm. Só ele pode realizar certos atos litúrgicos, como o sacerdote do AT. Por exemplo, batismo e ceia só podem ser celebrados por ele. Assumimos isto como postura, mas não é uma exigência bíblica. No meio carismático isto é mais forte. Os pastores tornam a igreja dependente deles. Só eles têm a oração poderosa, a corrente de libertação só pode ser feita por eles e na igreja, só eles quebram as maldições, etc. O sentido teológico do sacerdote hebreu parece permear fortemente o sentido teológico do pastor neotestamentário. Este conceito convém ao pastor carismático. Ele se torna um homem acima dos outros, incontestável, líder que deve ser acatado. Tem uma autoridade espiritual que os outros não tem. O Antigo Testamento elitiza a liderança. O Novo Testamento democratiza. Para o carismático, o Novo Testamento, a mensagem da graça e a eclesiologia despida de objetos, palavras e gestual sagrados não são interessantes. Assim, ele se refugia no AT. Por isso há igrejas evangélicas com castiçais de sete braços e estrelas de Davi no lugar da cruz, bandeira de Israel, guardando festas judaicas, e até incensários em seus salões de cultos. Há evangélicos que parecem frustrados por não serem judeus. A liturgia pomposa do judaísmo é mais atraente e permite mais manobra ao líder que se põe acima dos outros.

2. A REJUDAIZAÇÃO, UM PRODUTO TANTO TEOLÓGICO QUANTO COMERCIAL

A rejudaiização do evangelho tem um lado comercial e outro teológico. O comercial se vê nas propagandas para visita à "Terra Santa". O judaísmo girava ao redor de três grandes verdades: um povo, uma terra e um Deus. No cristianismo há um povo, mas não mais como etnia. A Igreja é o novo povo de Deus, herdeira e sucessora de Israel, composta de "homens de toda tribo, e língua e povo e nação" (Ap 5.9). Há também um Deus, que se revelou em Jesus Cristo, sua palavra final (Hb 1.1-2). Mas não há uma terra santa. No cristianismo não há lugares e objetos santos. O prédio onde a Igreja se reúne e que alguns chamam, na linguagem do Antigo Testamento, de "santuário", não é santuário nem morada de Deus. É salão de cultos. O Eterno não mora em prédios, mas em pessoas. Elas são o santuário (At 17.24, 1Co 3.16, 6.19 e Hb 3.6). Deus não está mais perto de alguém em Jerusalém que na floresta amazônica, nos condomínios, favelas e cortiços das grandes cidades. No cristianismo, santo não é o lugar. São as pessoas. Não é o chão. É o crente. E Deus pode ser encontrado em qualquer lugar. Não temos terra santa, e sim gente santa.

A propaganda gera uma teologia defeituosa. Pessoas vão à Israel para se batizar nas águas onde Jesus se batizou. Ora, o batismo é único, singular e irrepitível. Ele segue a conversão e mostra o engajamento da pessoa no propósito eterno de Deus. Uma pessoa que foi batizada, após conversão e profissão de fé, numa igreja bíblica, não se batiza no rio Jordão. Apenas toma um banho. E, sem o

sentido filosófico do ser e do vir a ser de Heráclito, aquele não é o Jordão onde Jesus foi batizado porque as águas são outras. As moléculas de hidrogênio e oxigênio que compunham aquele Jordão podem estar hoje em alguma nuvem. Ou na bacia amazônica. Ou no mar. Até no Tietê. É mero sentimentalismo e não identificação com Jesus. É lamentável que pastores conservadores em teologia "batizem" crentes já batizados no Jordão. Isto é vulgarizar o batismo, tirando seu valor teológico.

Não sou contra turismo. Faça-o quem puder e regozije-se com a oportunidade. Sou contra o entortamento da teologia como apelo turístico. Temos visto pastores com sal do mar Morto, azeite do monte das Oliveiras (há alguma usina de beneficiamento de azeitonas lá?) e até crucifixos feitos da cruz de Jesus (pastores evangélicos, sim!). Há um fetichismo com terra santa, areia santa, água santa, sal santo, folha de oliveira santa, etc. No cristianismo as pessoas são santas, mas as coisas não. A rejeição caminha paralelamente com a superstição e feitiçaria. É parente da paganização.

Não estou tecendo uma colcha de retalhos. Tudo isto é produto de uma hermenêutica defeituosa, que não compreende as distinções entre os dois Testamentos, os critérios diferentes para interpretá-los, a pompa e liturgia do judaísmo em contraposição à desburocratização do cristianismo e que a palavra final de Deus foi dada em Jesus Cristo. É o NT que interpreta o AT e não o AT que interpreta o NT.

3. O FETICHISMO COMO PRODUTO DO NEOPENTECOSTALISMO

O neopentecostalismo (ou baixo-pentecostalismo) trouxe um problema sério. Derrubou o muro entre feitiçaria e evangelho. Já vi "tapete ungido" que chupa as enfermidades e pecados, água santa após a oração pastoral (como Alziro Zarur fazia nos anos sessentas), bênção de carteiras de dinheiro, envelope de pagamento e cartão de crédito, repreensão de maldição sobre carros e eletrodomésticos para que não tenham mais defeitos, etc. Um pastor apresentou na televisão o homossexualismo como maldição hereditária. É a mesma hermenêutica do psicólogo ou psiquiatra ateu que o justifica como hereditariedade genética. A responsabilidade pessoal do indivíduo se dilui na maldição ou nos genes. A ignorância do ensino global das Escrituras, incluindo a responsabilidade da pessoa, com a capacidade de tomar decisões, sendo responsável por elas, produz estas distorções. De novo um problema hermenêutico: não há hereditariedade espiritual no Novo Testamento. Ezequiel antecipava o evangelho ao escrever seu capítulo 18.

Em correntes de oração, leva-se uma foto da pessoa para ungi-la e ela deixar o pecado ou o vício. Se não pode levar a foto, leve uma muda de roupa. Vi isso na minha infância, no baixo espiritismo. Choca-me vê-las entre evangélicos. Surpreende-me o ibope dado ao diabo, que já teve até microfone de televisão na boca em programa evangélico. Só faltou dizer: "Agora, ao vivo, em cores, via satélite, o Diabo fala para todos".

Boa parte dos evangélicos busca sensacionalismo e vive à cata de eventos. Um pastor que seja sério, expositor bíblico, conselheiro, amigo, mas não que faça pirotecnia no púlpito corre o risco de ser considerado ultrapassado. Busca-se o *show man*, o espetáculo, o fantasioso. Declarações levianas são feitas com ar de seriedade. Tempos atrás, o dono de uma seita que eu desconhecia, declarou numa revista evangélica que havia denominações demais e sugeriu a fusão dos batistas e presbiterianos. O ridículo da história é que a pessoa era contra o excesso de denominações, queria que as grandes se fundissem, e produziu mais uma, nanica.

Esta confusão hermenêutica gerou denominações exóticas: Igreja Evangélica Pentecostal Independente Peregrinos na Fé do Senhor Conforme Hebreus Capítulo 11, Igreja Pedra Angular O Anjo da Colheita na América Latina, Igreja Pentecostal A Chegada de Jesus Com Poder e Glória,

etc.. Conheci uma Igreja Pocalipi. O nome intrigou-me. Não conseguia ver nexos nele, até entender que era Apocalipse, nome que seu pastor não conseguia ler corretamente. Como uma pessoa que não consegue ler a palavra "apocalipse" pode fazer uma interpretação doutrinária correta? Não se trata de elitismo. É minha perplexidade para compreender a facilidade com que se interpreta a Bíblia hoje. Qualquer pessoa o faz, desprovida de bom senso elementar, sob a desculpa "o Senhor revelou". As bases hermenêuticas foram aniquiladas. O movimento evangélico está desfigurado, é palco de gente vaidosa que deseja fundar uma igreja, e nesta desfiguração, recebe todo tipo de heresias e tolices. Está calcado na subjetividade e não em verdades históricas.

Temos uma descaracterização doutrinária pelo neocatolicismo, neojudaísmo e pela entrada do baixo espiritismo que nos vem pelo baixo pentecostalismo. Que fazer? É aqui que entra a necessidade de uma nova Reforma, com algumas idéias que devem ser trabalhadas em nosso meio.

3. A NOVA REFORMA PROPRIAMENTE DITA

1) Precisamos de uma volta às Escrituras com estudo bíblico sério. A hermenêutica e a exegese criteriosa devem ser preferidas à pregação tópica e às ilustrações de reis, rainhas, mães morrendo e crianças atropeladas. Isto requer trabalho, mas a preguiça deve ser banida do nosso meio. Todas as denominações declaram a Bíblia como regra de fé e prática e depois formulam seus credos encaixando-a neles e dizendo o que pode ser descoberto nela. Nunca vi uma denominação evangélica negar a Bíblia. Todas a afirmam, mas usam-na para validar suas posições. Deve haver um estudo sério para rever nossas práticas à luz da Bíblia e não usá-la para legitimar nossas práticas. Isto requer que a herança teológica do passado seja buscada. Tenho me edificado com a leitura de grandes vultos do passado. Negar que Lutero, Calvino e teólogos posteriores, de grande conteúdo, tenham o que ensinar, é insensatez. A Igreja Católica tem o peso da Tradição. Temos ojeriza a este nome, mas precisamos resgatar a teologia do passado, com sua erudição e profundidade. E a livre interpretação (não o livre exame) da Bíblia precisa ter contornos mais bem definidos.

2) O doutrinamento das igrejas deve ser privilegiado. É falsa a dicotomia vida espiritual ou doutrina. As doutrinas bíblicas não são estéreis e sem vida. São fonte de vida. Preguei numa reunião jovem e, a seguir, deselegantemente, o líder do grupo disse: "Não me interessa por doutrina, só por Jesus". Mas, que Jesus se tem, sem uma doutrina sólida sobre ele? O evangelho não é evento ou *show*, mas pressupõe conteúdo teológico. E este deve ser fio de prumo e não suporte para a repetição de modelos e esquemas denominacionais que sacralizamos e fora dos quais tudo está errado.

3) Precisamos de mais zelo ao encaminhar jovens aos seminários, ao criar seminários, ao formar currículos e conteúdo programáticos, e ao consagrar pastores ao ministério. Criticam-se os seminários, mas manda-se gente imatura para lá, na esperança de que ele a torne madura. O seminário não é casa de correção, mas lugar de estudo e de aprofundamento teológico e espiritual. Porque teologia e espiritualidade não são antitéticas. Entrar em um seminário deve ser visto com muita seriedade. E o seminário também não pode ser um curso técnico, tipo SENAC ou SENAI, ensinando operacionalidade. Deve ser um centro de reflexão.

4) Por último: precisamos de uma reforma eclesiológica. Muitas de nossas igrejas não estão crescendo como deveriam. Há pastores que querem ver seu ministério deslanchar e não conhecem muitos ministérios modelos. E não encontram alternativas litúrgicas, quando vêem que a nossa não atrai muito. Só conhecem a nossa e lhes dizem que desviar-se dela é ser pentecostal (em tempo: a liturgia da minha igreja é tradicional). No seminário me ensinaram Isaías 6 como modelo de liturgia. Não creio que o texto foi produzido com a finalidade de dar um modelo de ordem de culto para as igrejas ocidentais do século presente. Por que não uma liturgia baseada no Novo

Testamento, mais precisamente em 1Coríntios 14.26, com a participação do povo e não apenas dos oficiais do culto? Por que não mais espontaneidade e menos formalismo? O culto não precisa ser monótono. O pastor jovem, idealista, querendo realização no ministério, não vai se mirar em ministérios estagnados. Vai olhar quem está fazendo algo marcante. Buscará referenciais positivos e se não os encontrar em nossa denominação, em nossa linha, mas em outros grupos, irá imitá-los. Nossos jovens pastores estão aprendendo mais sobre igrejas funcionais em congressos da SEPAL e da VINDE que em nossas ordens de pastores.

Isto não me agrada, mas caminhamos para uma época pós-denominacional. A maior parte dos crentes não está interessada em denominação. O termo se associou, na mente de muitos, à estrutura. O apelo ao denominacionalismo tem pouco resultado prático. As pessoas querem resultados. Ouço muito perguntas como estas: por que nossa editora se desmontou e a de outros grupos vai bem? Por que ainda não temos um programa de televisão batista enquanto outros grupos têm redes? Por que grupos que chegaram depois de nós nos ultrapassaram? Estas coisas fazem os crentes pensar se vale a pena enfatizar tanto a denominação, que tem sido mostrada mais como instituição do que como um aglomerado de igrejas locais. Não endosso o que está por trás das perguntas, mas elas são feitas!

Esta reforma deve examinar também nossas estruturas. São bíblicas? São funcionais e viabilizam a divulgação do evangelho ou atendem a segmentos que não querem perder patrimônio, influência e posições? As igrejas devem se adaptar ao que a estrutura lhes dá ou esta deve mudar e se ajustar a novos tempos e satisfazê-las? Infelizmente, as igrejas não socorreram a JUERP, como esperávamos. Presidente que era da Convenção do Amazonas, duas vezes enviei cartas às igrejas e falei ao Conselho. Não houve atendimento. Creio que não socorrerão nenhuma junta. Há uma exaustão de igrejas e pastores não ligados ao esquema estrutural com o que se chama denominação. Nossa reforma deve começar aqui: devemos ser mais bíblicos e menos programáticos e institucionais. A excessiva institucionalização do evangelho é responsável pela apatia de muitos com a denominação. E isto faz surgir os desvios doutrinários. E não adianta apertar em outros lados. Obreiros e igrejas querem funcionalidade e o progresso espiritual e não apenas institucional do reino. A Reforma desburocratizou a religião, na tentativa de acabar com a institucionalização da fé. Foi o que Jesus fez: ele desinstitucionalizou a religião. Hoje se vê a institucionalização da fé evangélica, descendente da Reforma. A Campanha Nacional de Evangelização de 65, na minha adolescência, mobilizou as igrejas. Institucionalizada, perdeu o vigor. Até para testemunhar já temos um dia no calendário.

Sou batista convicto. Um batista histórico (prefiro este termo a tradicional porque acho que diz mais, mas não rejeito ser tradicional) que ama sua denominação. Não a rejeito nem condeno. Minhas palavras não são desabridas, mas expressam o que vejo: desalento e desinteresse com a estrutura denominacional. Nosso povo quer espiritualidade e santidade de vida, mais que outra coisa. Precisamos de uma teologia correta. Não apenas de doutrina correta sobre Espírito Santo e louvor, mas uma restauração de valores, conceitos e cosmovisão. Precisamos de ortodoxia, de ortopraxia, de ortolalia, de transparência de ações à luz da Bíblia.

Há heresias que nos ameaçam. Mas há outros perigos, entre eles o desinteresse de igrejas e pastores pela denominação. A causa disto parece-me ser a institucionalização como a que subjugou o cristianismo pré-Reforma, tornando-o mais uma empresa que agência espiritual. Por isso, necessitamos de uma nova Reforma. Que ponha o espiritual acima do material, do administrativo e do funcional. Que submeta tudo, e não apenas alguns aspectos doutrinários, ao crivo das Escrituras. O agir, o funcionar e o viver de nossa denominação, em todos os níveis, é bíblico ou foi secularizado? Buscamos mais Qualidade Total ou o poder do Espírito Santo? Prédios, coisas e regulamentos estão ocupando mais nossas mentes e nossa vida que a Palavra? Então, uma Reforma é necessária.

